

Volume II

“... desde o início do jogo”

“Aquilo molhou minha idéia, seu moço.”
(João Guimarães Rosa, *Grande sertão: veredas*)

“É preciso atravessar o grande rio ou mar.”
(*I-Ching: o livro das mutações*)

“Eu te digo: estou tentando captar a quarta dimensão do instante-já que de tão fugidio não é mais porque agora tornou-se um novo instante-já que também não é mais... E quero capturar o presente que pela sua própria natureza me é interdito: o presente me foge, a atualidade me escapa, a atualidade sou eu sempre no já.”
(Clarice Lispector, *Água viva*)

“E ao contrário do que a fenomenologia – que é sempre uma fenomenologia da percepção – tentou nos fazer acreditar, ao contrário do que o nosso próprio desejo não pode deixar de ser tentado a crer, a própria coisa sempre escapa.”
(Jacques Derrida, *A voz e o fenômeno*)

“É pois o *jogo do mundo* que é preciso pensar *primeiramente*: antes de tentar compreender todas as formas de jogo no mundo.”
(Jacques Derrida, *Gramatologia*)

“E era bom. ‘Não entender’ era tão vasto que ultrapassava qualquer entender – entender era sempre limitado. Mas não-entender não tinha fronteiras (...). Compreender era sempre um erro – preferia a largueza tão ampla e livre e sem erros que era não-entender. Era ruim, mas pelo menos se sabia que se estava em plena condição humana.”
(Clarice Lispector, *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*)

4 Aposta

Antes do início do jogo, há a aposta. Todo jogo pressupõe uma aposta, bem como toda escritura. E estas páginas que se seguem são minha aposta, talvez a aposta que custe todas as minhas fichas. Trata-se da aposta que me indicou um caminho a seguir. E se o jogo desde sempre já começou, a aposta desde sempre estava feita, e cabe a mim, então, seguir a travessia que o jogo supõe. Como em todo jogo, a própria jogabilidade supõe regras: e, como disse Derrida em *Paixões*, mesmo que a regra seja a de não se ater a regras, a de permitir-se a errância necessária ao vigor do pensamento, a necessidade de se jogar e de fazer justiça ao jogo não pode ser perdida de vista. É nesse sentido que nesta segunda parte eu me permitirei um certo desvio do rigor acadêmico que uma tese exige e, ao invés de capítulos, completarei o tão-anunciado *pentatlo* de um modo mais ensaístico, tentando me deixar ao máximo me *contaminar* por isso que não pode se ater a ser um mero objeto – o úmido. Os cinco ensaios que se seguem, portanto, não são propriamente capítulos, de tão modo inter-relacionados que são. Talvez, nesse jogo úmido que pretendo agora travar, o pentatlo seja composto por cinco *provas* – que nada têm de comprovação ou de demonstração, tratando-se apenas de *testes* que exigem concentração, esforço e rapidez. Enfim, dedicação – para não dizer devoção.